



A Santa Sé

SOLENIIDADE DE PENTECOSTES

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

Basílica Vaticana

Domingo, 11 de Maio de 2008

Amados irmãos e irmãs

São Lucas insere a narração do evento do Pentecostes, que ouvimos na primeira Leitura, no segundo capítulo dos *Actos dos Apóstolos*. O capítulo é introduzido pela expressão: "Quando chegou o dia do Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar" (*Act 2, 1*). São palavras que fazem referência ao quadro precedente, em que Lucas descreveu a pequena companhia dos discípulos, que se reunia assiduamente em Jerusalém depois da Ascensão ao céu de Jesus (cf. *Act 1, 12-14*). É uma descrição rica de pormenores: o lugar "onde habitavam" o Cenáculo é um ambiente "no andar de cima"; os onze Apóstolos são enumerados por nome, e os primeiros três são Pedro, João e Tiago, as "colunas" da comunidade; juntamente com eles são mencionadas "algumas mulheres", "Maria, a Mãe de Jesus" e os "irmãos dele", já integrados nesta nova família, fundamentada não já em vínculos de sangue, mas na fé em Cristo.

A este "novo Israel" alude claramente o número total das pessoas, que era de "cerca de cento e vinte", múltiplo do "doze" do Colégio apostólico. O grupo constitui uma autêntica "*qāhāl*", uma "assembleia" segundo o modelo da primeira Aliança, a comunidade convocada para ouvir a voz do Senhor e caminhar pelas suas veredas. O Livro dos Actos sublinha o facto de que "todos estavam unidos pelo mesmo sentimento, entregando-se assiduamente à oração" (1, 14). Por conseguinte, a oração é a principal actividade da Igreja nascente, mediante a qual ela recebe a sua unidade do Senhor, deixando-se orientar pela sua vontade, como demonstra também a opção de tirar à sorte para escolher aquele que passará a ocupar o lugar de Judas (cf. *Act 1, 25*).

Esta comunidade encontrava-se reunida no mesmo lugar, o Cenáculo, na manhã da festa judaica do Pentecostes, festa da Aliança, em que se fazia memória do evento do Sinai quando Deus,

mediante Moisés, tinha proposto que Israel se tornasse a sua propriedade no meio de todos os povos, para ser sinal da sua santidade (cf. *Êxodo* 19). Segundo o Livro do Êxodo, aquela antiga aliança foi acompanhada por uma terrificante manifestação de poder da parte do Senhor: "Todo o monte Sinai lê-se fumegava, porque o Senhor havia descido sobre ele no meio de chamas. O fumo que se elevava era como o de um forno, e todo o monte estremecia violentamente" (19, 18). Voltamos a encontrar os elementos do vento e do fogo no Pentecostes do Novo Testamento, mas sem ressonâncias de medo. Em particular, o fogo adquire a forma de línguas que se pousam sobre cada um dos discípulos, que "ficaram todos cheios de Espírito Santo" e, em virtude de tal efusão, "começaram a falar outras línguas" (*Act* 2, 4). Trata-se de um verdadeiro e próprio "baptismo" de fogo da comunidade, uma espécie de nova criação. No Pentecostes, a Igreja é constituída não por uma vontade humana, mas pela força do Espírito de Deus. E é imediatamente claro como este Espírito dá vida a uma comunidade que é uma só e, ao mesmo tempo, universal, superando deste modo a maldição de Babel (cf. *Gn* 11, 7-9). Com efeito somente o Espírito Santo, que cria unidade no amor e na aceitação recíproca das diversidades, pode libertar a humanidade da tentação constante de uma vontade de poder terreno que quer dominar e uniformizar tudo.

"*Societas Spiritus*", sociedade do Espírito: assim Santo Agostinho chama a Igreja num dos seus sermões (71, 19, 32: *PL* 38, 462). No entanto, já antes dele Santo Ireneu tinha formulado uma verdade que me apraz recordar: "Onde está a Igreja, ali está o Espírito de Deus, e onde está o Espírito de Deus, ali estão a Igreja e todas as graças, e o Espírito é a verdade; afastar-se da Igreja significa rejeitar o Espírito" e, por conseguinte, "excluir-se da vida" (*Adv. Haer.* III, 24, 1). A partir do evento do Pentecostes manifesta-se plenamente esta união entre o Espírito de Cristo e o seu Corpo místico, ou seja, a Igreja. Gostaria de reflectir sobre um aspecto peculiar da acção do Espírito Santo, isto é, sobre o entrelaçamento entre multiplicidade e unidade. Disto fala a segunda Leitura, discorrendo sobre a harmonia dos diversos carismas na comunhão do mesmo Espírito. Mas já na narração dos Actos, que ouvimos, este entrelaçamento revela-se com extraordinária evidência. No evento do Pentecostes torna-se clarividente que à Igreja pertencem múltiplas línguas e diferentes culturas; na fé, elas podem compreender-se e fecundar-se reciprocamente. São Lucas quer claramente transmitir uma ideia fundamental, ou seja, que no próprio acto do seu nascimento a Igreja já é "católica", universal. Ela fala desde o início todas as línguas, porque o Evangelho que lhe é confiado, está destinado a todos os povos, em conformidade com a vontade e o mandato de Cristo ressuscitado (cf. *Mt* 28, 19). A Igreja que nasce no Pentecostes não constitui, acima de tudo, uma comunidade particular a Igreja de Jerusalém mas sim a Igreja universal, que fala as línguas de todos os povos. Sucessivamente, dela hão-de nascer outras comunidades em todas as regiões do mundo, Igrejas particulares que são, todas e sempre, realizações da una e única Igreja de Cristo. Por conseguinte, a Igreja católica não é uma federação de Igrejas, mas uma única realidade: a prioridade ontológica cabe à Igreja universal. Uma comunidade que, neste sentido, não fosse católica não seria nem sequer Igreja.

A este propósito, é necessário acrescentar mais um aspecto: o da visão teológica dos *Actos dos*

Apóstolos a respeito do caminho da Igreja de Jerusalém até Roma. Entre os povos representados em Jerusalém no dia do Pentecostes, Lucas cita também os "estrangeiros de Roma" (*Act* 2, 10). Naquele momento Roma ainda estava distante, era "estrangeira" para a Igreja nascente: ela constituía o símbolo do mundo pagão em geral. Todavia, a força do Espírito Santo guiará os passos das testemunhas, "até aos extremos confins da terra" (*Act* 1, 8), até Roma. O livro dos *Actos dos Apóstolos* termina precisamente quando São Paulo, através de um desígnio providencial, chega à capital do império e aí anuncia o Evangelho (cf. *Act* 28, 30-31). Deste modo, o caminho da Palavra de Deus, encetado em Jerusalém, alcança a sua meta, porque Roma representa o mundo inteiro e portanto encarna a ideia lucana da catolicidade. Realizou-se a Igreja universal, a Igreja católica, que é a continuação do povo da eleição e torna próprias a sua história e a missão.

Nesta altura, e para concluir, o Evangelho de João oferece-nos uma palavra, que concorda muito bem com o mistério da Igreja criada pelo Espírito. Esta é a palavra que saiu duas vezes da boca de Jesus ressuscitado, quando apareceu no meio dos discípulos no Cenáculo na noite de Páscoa: "*Shalom* a paz esteja convosco!" (*Jo* 20, 19.21). A expressão "*shalom*" não é uma simples saudação; é muito mais: é o dom da paz prometida (cf. *Jo* 14, 27) e conquistada por Jesus ao preço do seu sangue, é o fruto da sua vitória na luta contra o espírito do mal. Portanto, trata-se de uma paz "não como o mundo a oferece", mas como somente Deus a pode conceder.

Nesta solenidade do Espírito e da Igreja, queremos dar graças a Deus por ter concedido ao seu povo, escolhido e formado no meio de todos os povos, o bem inestimável da paz, da *sua* paz! Ao mesmo tempo renovemos a tomada de consciência da responsabilidade que está vinculada a este dom: a responsabilidade da Igreja de ser, constitucionalmente, sinal e instrumento da paz de Deus para todos os povos. Procurei ser portador desta mensagem, indo recentemente à sede da [Organização das Nações Unidas](#), para dirigir a minha palavra aos representantes dos povos. Mas não devemos pensar somente nestes acontecimentos "no vértice". A Igreja realiza o seu serviço à paz de Cristo, sobretudo na presença e acção comuns no meio dos homens, com a pregação do Evangelho e com os sinais de amor e de misericórdia que a acompanham (cf. *Mc* 16, 20).

Naturalmente, entre estes sinais é necessário ressaltar de maneira prioritária o Sacramento da Reconciliação, que Cristo instituiu no mesmo momento em que comunicou aos discípulos a sua paz e o seu Espírito. Como ouvimos na página evangélica, Jesus soprou sobre os Apóstolos e disse-lhes: "Recebi o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos" (*Jo* 20, 21-23). Como é importante e, infelizmente, de forma insuficiente compreendido o dom da Reconciliação, que pacifica dos corações! A paz de Cristo só se difunde através dos corações renovados de homens e de mulheres reconciliados, que se tornaram servidores da justiça, prontos a espalhar pelo mundo a paz unicamente com a força da verdade, sem fazer compromissos com a mentalidade do mundo, porque o mundo não pode doar a paz de Cristo: eis como a Igreja pode ser fermento daquela reconciliação que provém de Deus. Só pode sê-lo, se permanecer dócil ao Espírito e der

testemunho do Evangelho, se carregar a Cruz como e com Jesus. É precisamente isto que testemunham os santos e as santas de todos os tempos!

Amados irmãos e irmãs, que à luz desta Palavra de vida se torne ainda mais ardente e intensa a oração, que no dia de hoje elevamos a Deus em união espiritual com a Virgem Maria. A Virgem da escuta, a Mãe da Igreja, obtenha para as nossas comunidades e para todos os cristãos uma renovada efusão do Espírito Santo Paráclito. "*Emitte Spiritum tuum et creabuntur, et renovabis faciem terrae* Enviai o vosso Espírito; tudo será recriado e renovareis a face da terra". Amém!

© Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana